

# Seminário no Rio discute o futuro da cafeicultura no mundo



8

Reunidos no salão de conferências do Sheraton, representantes de todos os segmentos (produção, indústria, exportação e operadores de mercado futuro) assistiram palestras e debateram as perspectivas que se apresentam para o futuro do agronegócio café. O VI Seminário Internacional do Café aconteceu nos dias 5 e 6 de setembro e atraiu pessoas oriundas de todas as regiões cafeeiras.

Na solenidade de abertura, presentes o Governador Antonio Anastasia e o Secretário de Agricultura de MG, Deputados Carlos Mosconi, Carlos Melles e Silas Brasileiro, Embaixador Jório Dauster, Robério Silva (diretor do Departamento do Café do MAPA), Ricardo Villaveces (diretor da Federação de Cafeicultores da Colômbia), dirigentes de entidades e empresários.

Em seu discurso, Anastasia observou, em tom crítico, que a realidade orçamentária e jurídica brasileira reserva

aos governos estaduais um papel bem modesto na formulação e condução de políticas públicas, aí incluindo naturalmente as políticas de fomento à lavoura e à indústria cafeeira. Dentro do raio de ação que lhe compete, todavia, o governo de Minas tomou algumas iniciativas importantes. A principal delas, por ser a que será responsável pelo planejamento e articulação de todas as ações governamentais, foi a criação do Fórum Estadual do Café, que reúne governo e entidades de classe. “Toda ação pública apenas será executada com base nas decisões do Fórum”, sentenciou o governador.

Anastasia então enumerou as principais ações discutidas no Fórum e que já começaram a ser implementadas no estado: um certificado de origem e qualidade, emitido pelo governo do estado, para os cafés produzidos em Minas que cumprirem um padrão de excelência; um seguro agrícola; e um Fundo Estadual, que se somaria ao Fundo Nacional do Café para ajudar os cafeicultores a realizarem o custeio de suas lavouras e a investirem em tecnologia.



Governador  
Anastasia  
discursando  
na abertura  
do Seminário

Wellington Pedro

O governador filosofou um pouco sobre a necessidade do Brasil agregar valor ao café. “Soa estranho para mim que Alemanha e Itália sejam os maiores exportadores mundiais de café torrado”, disse, lembrando em seguida que ao fim da II Guerra, houve uma grande oportunidade de iniciar a exportação de grandes quantidades de café torrado. “Mas deixamos passar”, lamentou. Por fim, declarou que o governo de Minas está empenhado em formular políticas de fomento à agregação de valor ao café exportado.

## “Você tem o direito de tomar o bom e puro café”

Américo Sato, recém-empossado como presidente da Associação Brasileira da Indústria do Café (ABIC), informou que a demanda interna no Brasil deverá chegar a 22 milhões de sacas em 2013, superando as atuais 21 milhões de sacas absorvidas anualmente nos

EUA e consolidando, portanto, o Brasil como o maior consumidor de café no mundo.

Sato revelou o novo slogan da campanha promocional da ABIC: “Você tem o direito de tomar o bom e puro café”, onde se revela que o novo foco da entidade será a elevação da qualidade do café oferecido ao consumidor brasileiro. “Nosso programa de qualidade do café já tem alguns anos, mas agora vamos revigorá-lo”, anunciou Sato, que foi um dos idealizadores e executores (era presidente da ABIC na época) da bem sucedida campanha do Selo de Pureza, que conseguiu estancar uma tendência de queda no consumo per capita de café, fazendo-o voltar a crescer a taxas surpreendentes. A ABIC iniciou diálogo com a Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS), declarou Sato, num esforço de convencer os grandes grupos de varejo a apoiar a campanha de qualidade promovida pela instituição.

“O café hoje é o alimento líquido mais consumido no Brasil”, afirmou Sato, acrescentando que, segundo pesquisas, o produto só perde para a água. Segundo Sato, 79% dos brasileiros consomem café regularmente.

Apesar dos números pujantes de consumo, a indústria torrefadora vai mal, prejudicada por um ambiente de concorrência feroz, e uma cultura do “quanto mais barato, melhor”. A lucratividade do setor tem sido insuficiente, prejudicada ainda pela dificuldade que o setor tem para repassar os preços ao produto final. Sato exibiu gráficos onde compara a evolução do salário mínimo, da inflação, do preço de alguns produtos básicos, do próprio custo do café em grão, com a evolução do preço do café torrado no varejo, de 1994 a 2011. Em todos os gráficos, o café torrado perde valor relativo de mercado.

## Estimativas de Safra e de Consumo

O economista Luiz Otavio Araripe, sócio-diretor da exportadora Valorização, observou que nos últimos 13 anos-safra, de 1998/99 a 2010/11, o Brasil registrou um uso líquido de 527,70 milhões de sacas. Para chegar a este número, Araripe disse que procurou ser bastante conservador, inclusive minimizando o consumo interno, usando quantidades mais modestas que as estimadas pela ABIC, e convertendo o café solúvel em equivalente a café verde através de uma fórmula mais compatível com as tecnologias atuais (multiplicando o solúvel por 2,2 e não por 2,6, como é recomendado – anacronicamente, segundo o economista - pela OIC).

## Expectativa de safra

ANO	ÁREA	PRODUTIVIDADE	INTERVALO	PRODUÇÃO
2011	2.057.776	21,27	LIMITE SUPERIOR	45.081.940
			LIMITE MÉDIO	43.768.874
			LIMITE INFERIOR	42.455.808
2012	2.113.335	25,44	LIMITE SUPERIOR	55.376.138
			LIMITE MÉDIO	53.763.240
			LIMITE INFERIOR	52.150.343
2013	2.170.395	23,06	LIMITE SUPERIOR	51.550.787
			LIMITE MÉDIO	50.049.308
			LIMITE INFERIOR	48.547.829

Fonte: CONAB

Araripe questionou os órgãos federais responsáveis pelo levantamento de safra por não fazerem um confronto de seus números com o uso líquido comprovado. “As safras brasileiras, no total somado dos últimos 13 anos, não podem ser muito diferentes de 527,7 milhões de sacas”, sentenciou.

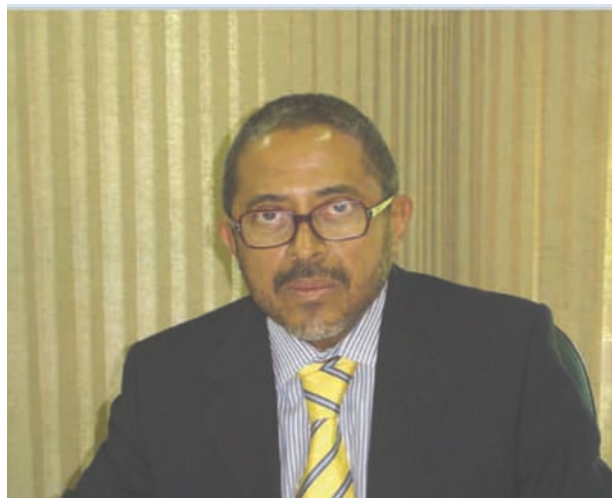
Ele observou que a produtividade brasileira possivelmente irá crescer a taxas maiores do que a registrada nos últimos anos, que ficou numa média de 1,5% ao ano, por causa dos preços altos. O economista observou que o Brasil tem um potencial hoje para produzir de 47 a 50 milhões de sacas, e que os agentes que falam em 60 milhões não estão sendo realistas. O aumento da produtividade, lembrou Araripe, não permite um aumento maior do que 5% ao ano, de maneira que o parque cafeeiro não comporta, atualmente, um aumento de produção significativo em menos de três anos. Apenas um aumento da área plantada, que não está ocorrendo, poderia acarretar um crescimento realmente relevante da oferta brasileira. “Esquece-se muitas vezes que a oferta de café é relativamente inelástica no prazo inferior a três anos, que é o tempo necessário para plantar um pé de café”.

O economista também discorreu sobre as perspectivas do consumo mundial de café, que deverá atingir, segundo ele, 138 a 140 milhões de sacas em 2011/12. Ele observou, no entanto, que o consumo per capita mundial ainda é baixo, apenas 1,2 kg ao ano, e que seis dos dez países com mais população apresentam consumo per capita igual a zero.

Em função justamente desse baixo consumo per capita no mundo, Araripe acha que as perspectivas de aumento são muito positivas, e que tem sido justamente essa circunstância que tem puxado os preços internacionais para cima. “O consumo de café tem crescido em toda a parte, até mesmo nos EUA e na Europa, vistos como mercados maduros e estagnados”, disse.

Jorge Queiroz, analista da Conab, apresentou quadros que apontam para aumento da produtividade e da

produção brasileira nos próximos dois anos. Fazendo questão de afirmar que seus números correspondiam somente a exercícios estatísticos, sem relação com a estimativa oficial da entidade para a qual trabalha, Queiroz estimou que a expectativa de safra para o Brasil para o ano que vem (safra 2012/13) será de 52,15 a 55,37 milhões de sacas, com ponto médio em 53,76 milhões de sacas.



Jorge Queiroz

O aumento da produção se dará em consequência da elevação da produtividade, que vem apresentando um crescimento constante nos últimos anos, devendo atingir 25,44 sacas por ha em 2012, e também pela entrada em produção de áreas em formação. A Conab identificou que a área em formação (lavouras com menos de três anos, ainda não produtivas), depois de atingir seu nível mais baixo em 2006, com 169 mil hectares, vem subindo gradualmente, devendo chegar a 247 mil hectares em 2012.

## Avaliações do Mercado

Robério Silva, em sua palestra, forneceu números atualizados sobre a cafeicultura brasileira: 287 mil propriedades, 43 cooperativas, 1.356 indústrias de torrefação e 230 exportadores. Atual diretor do Departamento do Café do Ministério da Agricultura, Silva é o indicado pelo governo, com apoio do setor privado, para a vaga de diretor executivo da Organização Internacional do Café (OIC), cuja eleição acontece ainda este ano em Londres. Em virtude da influência do Brasil, e de prévio acordo com a Colômbia, a vitória de Robério é dada como certa. (ver matéria)

O evento contou ainda com palestras de Guilherme Braga, diretor geral do Cecafé, que apresentou um detalhado panorama estatístico da exportação brasileira nos últimos anos. Sergio Wanderley, veterano do setor exportador, hoje pesquisador da Fundação Getúlio Vargas, falou da pressão mundial para que os países



produtores ampliem a sua produção de café, projetando preços altos para o café e outros alimentos por mais dez anos, com possível aumentos repentinos; Carlos Brando, maior especialista brasileiro em marketing e promoção de café, fez uma exposição brilhante, da qual pode-se destacar sua previsão de que o desenvolvimento de maquinários específicos para a cafeicultura de montanha, como o derriçador, poderá deflagrar, no médio prazo, uma revolução na renda e na produtividade do pequeno produtor das áreas de topografia acidentada, que atualmente registram um desempenho ruim nesses quesitos.

Lilian Miranda, diretora do setor de café da Nestlé, fez uma magnífica palestra, onde enfatizou a necessidade de sensibilizar o setor varejista nacional a dar mais importância à questão da qualidade na hora de negociar as marcas que serão oferecidas em suas prateleiras.

Octavio Pires, diretor da Dreyfus, falou sobre a importância dos contratos futuros na BMF e na ICE (bolsa de Nova York). Pires acentuou a necessidade do café brasileiro natural investir na criação de um hedge mais adequado do que a bolsa de NY; o setor deveria pressionar as entidades reguladoras para dispensar mais atenção ao tema, pois isso poderia fortalecer a posição do grão brasileiro no mercado internacional. Pires comemorou o fato do café lavado brasileiro, cuja produção já atinge 5 milhões de sacas, poderá agora ser entregue em NY, permitindo aos produtores uma forma de precificação pública, transparente e com liquidez adequada para embasar seus investimentos.

Ouviu-se ainda a opinião de vários representantes da lavoura, como Francisco Assis, presidente da Federação de Cafeicultores do Cerrado; João Lopes Araújo, presidente da Associação de Cafeicultores da Bahia; e Lúcio

Dias, diretor da Cooxupé, maior cooperativa de café no país. Vale destacar também a excelente palestra de Aymbiré Fonseca, pesquisador da Embrapa, que falou sobre o café robusta no Espírito Santo.

## Conclusões

Como resultado de tantos debates e palestras, pode-se dizer que há um sentimento generalizado de que há fundamentos para que os preços do café continuem estáveis pelo menos durante os próximos três anos, e provavelmente até por mais tempo. Existe uma forte pressão global para aumento da oferta de café, já que a população mundial deverá atingir 9,1 bilhões de pessoas em 2050, conforme lembrou Sergio Wanderley, usando números oficiais da ONU.

Poucos países além do Brasil têm condições de suprir esta demanda crescente; mesmo assim, não se vê, até agora, nenhum movimento relevante de expansão do parque cafeeiro nacional, possivelmente em virtude dos altos custos necessários para implantação de uma lavoura nova, agravados pela explosão do preço da terra verificado nos últimos anos. O equilíbrio entre oferta e demanda poderia ser alcançado, por outro lado, através de uma eventual queda no consumo, deprimido justamente em função dos preços altos. O fator populacional e a alta no poder aquisitivo observada nas economias emergentes não apontam, todavia, para essa direção. O mais provável é que os preços se mantenham estáveis, e mesmo sujeitos a picos sazonais, e que tenha início um aumento gradual da produção, não apenas no Brasil, mas em todo mundo. Carlos Brando, em sua palestra, lembrou que vários países produtores vem apresentando custos menores que os do Brasil, além de vender seu café a preços mais altos, de maneira que a atividade cafeeira voltou a ser extremamente lucrativa nessas regiões, especialmente na África. ☉